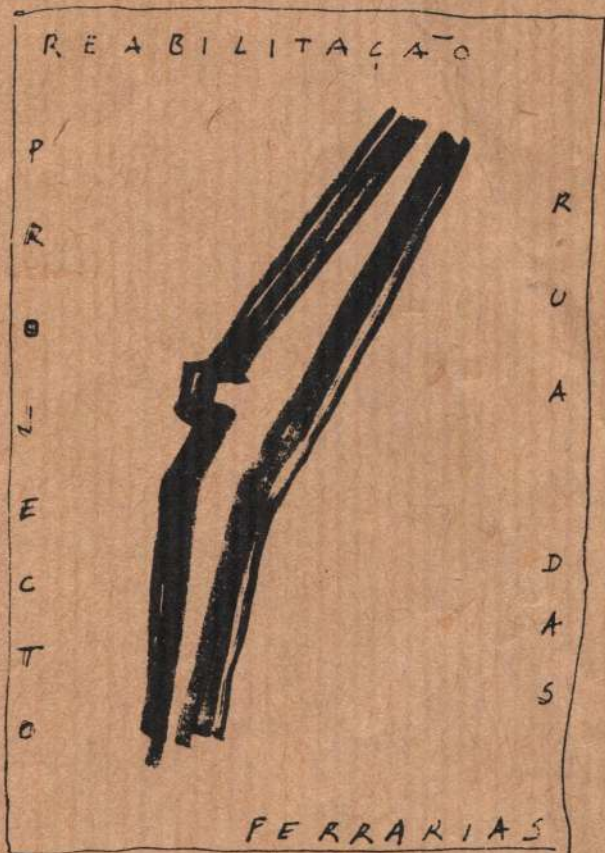


SEBENTA

Textos e Factos

I

Levantamento Histórico





Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

3-1

Livro n.º

196

Cota n.º

3-1

Ficha Técnica

Edição:

Urbe

Núcleos Urbanos de Pesquisa e
Intervenção

Associação

Animação Cultural e Espectáculos

Projecto de Reabilitação
da "Rua das Ferrarias"

Equipa do Projecto:

Paulo Côrte-Real

Henrique Estevão

Paulo Quitério

José Santos

Humberto Martins

Magda Seródio

Jubilot Fernandes

Apoios:

Instituto Português da

Juventude

Câmara Municipal de Olhão

Impressão:

João Alberto

Artes Gráficas

Tiragem:

1000 Exemplares

Olhão, Junho de 1996



SEBENTA

Textos e Factos

I

Levantamento Histórico

4-2

Projecto de Reabilitação da "Rua das Ferrarias"

"A Antero Nobre, D. Adelina, "Ti Texas"
e a todos aqueles que de uma forma
ou de outra contribuíram para a
elaboração desta sebenta,

os nossos agradecimentos."

"Se considerar-mos o Património como instrumento de identificação, a sua preservação será o caminho para a nossa auto-afirmação como grupo social. Uma comunidade consciencializada participa, decide, promove e exige acções que salvaguardem os seus bens patrimoniais."

Avinceta, Maria Cristina
Espósito, Maria G. Sánchez

Reabilitar para quê? Para quem?

O problema das cidades é um problema actual e complexo. Um problema que carece de uma consciencialização colectiva e de medidas urgentes de contenção e solução. A par de muitos dos seus problemas temos o envelhecimento, o crescimento desordenado e a questionável qualidade arquitectónica.

"Tal como uma obra arquitectónica, a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala, algo apenas perceptível no decurso de longos períodos de tempo", sendo o seu crescimento e forma apenas parcialmente controláveis, sendo portanto uma estrutura não estática, existindo assim possibilidade de mudança.

A arquitectura, arte com a qual se fazem as cidades, explicitamente para ser vivida, apreciada, lembrada, e contemplada, estabelece uma ligação dinâmica entre o ambiente natural e o ambiente edificado.

As cidades possuem não só valores históricos e artísticos, mas também valores arquitectónicos especiais e vivenciais.

A cidade, enquanto espaço vivencial, deve proporcionar aos seus habitantes os mais elevados padrões de qualidade de vida.

A cidade é um grande espaço de comunicação. É objecto e simultaneamente meio de comunicação. Um espaço de inúmeras significações. "A cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição ou um cenário à espera de ser analisado. Nada se conhece em si próprio mas em relação ao seu meio ambiente", tendo o ser humano a necessidade de estruturar e identificar o meio ambiente. "Todo o cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações.

A imagem de um bom ambiente dá, a quem a possui, um sentido importante de segurança emocional. Pode estabelecer uma relação harmoniosa entre si e o mundo exterior." Como tal, é necessário salvaguardar a informação que contém - um testemunho do passado no presente e para o futuro.

O conceito restritivo de Património tem os dias contados. Património é

hoje algo mais do que uma obra arquitectónica ou um monumento. De um sentido mais lato, a nossa língua e cultura; são os valores que nos permitem manter viva a nossa identidade e as nossas cidades são um testemunho de tudo isto. O legado patrimonial é algo vivo que é preciso respeitar e preservar para que possamos desfrutar e legá-lo a gerações vindouras.

Para que a preservação do património e da própria identidade seja efectiva, a comunidade deve, em conjunto, tornar-se responsável pelo mesmo. O despertar de uma consciência colectiva deve começar nas crianças através da sua educação e deverá continuar durante toda a sua formação pessoal e social, atribuindo-lhes a sua quota de responsabilidade.

É preciso informar a colectividade do valor que possuem entre mãos e fazê-la entender que a salvaguarda do nosso Património é tarefa de todos nós.

Como a maior glória de um edifício reside na sua antiguidade, é necessário travar o envelhecimento das cidades e preservar e proteger a morfologia

urbana para que o seu centro histórico não perca a sua coerência, a sua clareza e legibilidade e a sua própria identidade.

A carta de Veneza (1964) é bem clara ao referir a necessidade e importância de proteger não só os monumentos bem como a sua envolvente.

Façamos hoje da cidade um espaço revitalizado, vivo e dinâmico a cada instante, onde a vida tenha o seu verdadeiro sentido e onde o futuro sorria para os jovens.

Um determinado meio ambiente que se deseja belo contempla um determinado significado de capacidade de expressão, desperta considerável prazer estético, estimula, apresenta ritmo e oferece possibilidade de escolha.

"A cidade é potencialmente o símbolo poderoso de uma sociedade complexa. Se for bem desenvolvida do ponto de vista óptico, pode ter um forte significado expressivo. Na realidade, um meio ambiente característico e legível não oferece apenas segurança mas também intensifica a profundidade e a intensidade da experiência humana."

Quanto mais diferenciado e particular for um edificado urbano, mais clara, distinta e mais forte será a imagem face ao seu observador, mais fácil será a sua estruturação mental e conseqüentemente a possibilidade de se fazer conduzir através da cidade sem o risco de se "perder".

O EDIFÍCIO

Durante oitenta anos o edifício português viveu na intersecção de duas grandes avenidas. Foi em um marco cujas paredes foram desgastadas pelas chovas de lágrimas e borboletas pelos risos.

Com o tempo um incógnito acidente de drama rodou sua base.



Através de uma intervenção criteriosa no conjunto edificado da Rua das Ferrarias, pretende-se com este projecto chamar a atenção para a degradação urbanística que percorre a zona velha da cidade de Olhão e para a singularidade dos seus traços culturais, a constituir com imagem apelativa capaz de atrair novos actores e novos investimentos. Esta estratégia de reutilização do espaço deve ser devidamente articulada com as redes sociais existentes, auscultando necessidades e colmatando lacunas, visando desta forma a melhoria da qualidade de vida dos residentes.

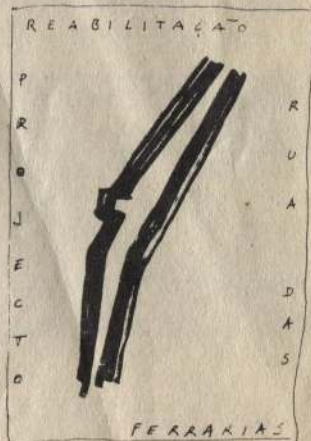
Numa perspectiva de sensibilização da população em geral, numa acção assumidamente pedagógica, é intenção deste projecto a dinamização de um espaço de debate público em Olhão que incite a reflexão sobre as questões ligadas ao património e a sua importância no processo de afirmação e desenvolvimento da cidade e do concelho de Olhão. Deste modo pretende-se fazer cumprir duas dimensões fulcrais inerentes aos processos de reabilitação urbana: *uma dimensão relacional* - que promova a discussão

dos problemas num âmbito alargado, integrando os inquilinos e senhoriais da Rua em questão, associações locais e movimentos de opinião, entidades públicas e privadas; e por outro lado *uma dimensão cognitiva* - que procure realizar a auto-avaliação do Projecto, através de uma reflexividade científica, feita, quer no espaço próprio da Equipa, quer com o conjunto de parceiros e interessados ou recorrendo-se mesmo a equipas exteriores de avaliação. Em termos práticos a Equipa do Projecto editará manuais referentes às diferentes fases de investigação, cujo lançamento será coincidente com a realização de colóquios e conferências sobre a temática da reabilitação urbana e outras a ela associadas, procurando-se desta forma, difundir os conhecimentos e as experiências adquiridas, possíveis de enquadrar futuras iniciativas do género.

Porquê a "Rua das Ferrarias"?

Esta rua representa bem o que Olhão tem mais de genuíno do ponto de vista urbanístico e social:

- é pequena mas a sua localização é conhecida



em toda a cidade, para
isso muito tendo
contribuído o seu nome e
mesmo algumas das
alcunhas dos seus
originários e (típicos)
moradores. A sua reduzida
dimensão foi também
levado em conta de forma
a não alienar o impacto
social da operação;

- é uma artéria onde a
maioria das suas
construções mantém as
características
tradicionais; em nossa
opinião este ponto já
justificava tudo o resto;

- é uma artéria "sui-
generis" no contexto da
evolução urbanística de
Olhão, já que segundo a
teoria explicativa do
Modelo de Zoneamento
Concêntrico de Burgess e
aplicada por Marino
Coelho, à realidade
urbana de Olhão, a Rua
das Ferrarias comporta
três zonas distintas de
concentração de grupos
sociais, cuja segmentação
espacial variaria, entre
outras condições, segundo
alterações na base
económica da cidade.

Assim e segundo o mesmo
autor, na artéria em que
nos propomos intervir,
podiam ser detectadas:
uma Zona Comercial, cujo
centro se localiza na
Igreja Matriz; uma Zona
de Transição, cujo
crescimento resultou da
pressão que a Zona
Comercial sofreu; e uma

Zona Residencial de classe operária.

Com este projecto,
pretende-se igualmente,
sensibilizar os diversos
poderes locais
instituídos que têm por
competência legal, a
intervenção nas áreas do
urbanismo e património,
para as novas questões
que se levantam neste
campo. Procurar-se-á
investir numa estratégia
de partenariado que
procure colaborações no
meio económico local e
regional, alertando-os
para um novo conjunto de
oportunidades que os
processos de reabilitação
urbana podem despoletar,
tendo em conta a sua
função de dinamização de
zonas culturalmente
consolidadas, mas
carentes de novas
orientações.

Devolver a cidade às pessoas que a habitam e reconquistar o estatuto de urbanidade como qualidade de vida do urbano, são tarefas que passam pela humanização das relações sociais na urbe e pelo reencontro das populações com o seu passado, aprofundando-se deste modo o auto-conhecimento sobre todo um capital sócio-cultural herdado; esta opção perfila-se como condição "sine qua non" para a participação dos cidadãos nos destinos do espaço onde habitam.

Neste contexto os processos de recuperação/reabilitação da chamada zona velha de Olhão assumem uma importância vital. Mais grave que a delapidação de valores arquitectónicos, está-se na iminência de destruir um tecido social vivo de características vincadas, capaz de produzir estilos de vida quotidianos muito próprios e de recriar formas de cultura essencialíssimas (como os festejos dos Santos Populares e manifestações que se associam, sardinhas, bailes).

A degradação das condições de habitabilidade, aliadas ao encarecimento do preço do solo no mercado imobiliário, decorrente da especulação causada

pela invasão terciária desordenada, incide negativamente na componente residencial, que, apesar de tudo, ainda caracteriza as zonas mais antigas de Olhão; com influência directa nesta situação aponta-se o congelamento da lei das rendas que tem impedido a constituição, por parte dos senhorios, de fundos disponíveis para a execução de obras nos imóveis com vista a evitar a sua progressiva degradação; por outro lado, e no que diz respeito ao caso dos prédios devolutos potencialmente habitáveis, a acção dos municípios é dificultada pela permissividade do quadro legal que regulamenta o arrendamento urbano e que se traduz na ausência de penalizações fortes destinadas a obrigar os proprietários a efectuar as obras necessárias à sua conservação (o que em áreas deprimidas ou pouco valorizadas, assume contornos mais graves, já que a dinâmica do mercado não será suficiente para atribuir fins lucrativos aos imóveis, votando-os ao esquecimento).

Na prática, este conjunto de factores revela-se extremamente negativo em termos da renovação intergeracional dos laços sócio-culturais



das populações residentes nas zonas mais antigas da cidade; assim, e em muitos casos, jovens que pretendem adquirir residência própria ou constituir novo agregado familiar, não o poderão fazer no local onde nasceram e onde poderiam protagonizar dinâmicas endógenas de desenvolvimento social global; vítimas da crescente segregação económica que a cidade impõe, são empurrados para as zonas limítrofes da mesma, muitas das vezes para os denominados bairros sociais, autênticos pacotes residenciais (construídos sem atender às necessidades urbanísticas complementares, constituindo palco privilegiado para a operacionalização dos conceitos sociológicos de anomia, conflito e desvio social.

Assiste-se, deste modo, a uma progressiva desertificação da zona velha de Olhão (embora a situação não seja tão preocupante como noutras cidades), e a um envelhecimento da população residente; acresce dizer que esta se trata de uma população caracterizada por baixas qualificações escolares, constituída na sua maioria por não activos reformados e domésticas e

por activos com trajetórias profissionais em sectores de actividade económica submetidos a processos de reconversão atribulados, o que tem originado algumas bolsas de desemprego a que se associam, por norma, fenómenos de pobreza, marginalidade e exclusão social, reduzidos na sua visibilidade imediata e perdidos nos contextos mais gerais da cidade, mas preocupantes quando focados em temos micro-sociológicos.

No processo de recuperação da Rua das Ferrarias, para além da vertente patrimonial do edificado (pretende-se demonstrar que as características arquitectónicas tradicionais no arranjo de construções antigas podem co-habitar com as necessidades e exigências habitacionais modernas e com os novos métodos de construção) articular-se-ão medidas de formação/reconversão profissional, animação cultural, apostando-se na requalificação de um espaço culturalmente consolidado, que, poderá passar inclusive, por uma valorização económica.

Pretende-se, e em conclusão, manter uma população como um conjunto de actores sociais activos, agindo sobre um espaço que é seu e querendo partilhá-lo com o resto da cidade, refutando-se quer a ideia de "museificação" das zonas antigas das cidades, encarando-as como simples espaços depositários dos anseios de lazer e de consumo cultural de turistas, quer uma visão tecnocrática que promova a substituição maciça dos residentes actuais por novos moradores oriundos de classes intelectualizadas e com alto poder económico; ao revalorizar-se a função habitacional da zona velha de Olhão, está-se a contribuir para a manutenção das redes sociais que constituem suporte fundamental para vida quotidiana, de idosos, jovens casais e respectivos filhos.

Como outras vantagens destes processos, capazes de potenciar um estado de saúde mais equilibrado para a cidade, apontam-se; reanimação de espaços singulares no contexto geral da cidade, como a pequena rua, o largo, a praça, de forma a mantê-los como espaços privilegiados de sociabilidade; menor transferência

populacional para bairros degradados (diminuindo a probabilidade de ocorrência de conflitos sociais) o que contribui para o desagravamento dos fluxos pendulares da população activa (local de residência - local de trabalho), com as consequentes reduções no tráfego automóvel, poluição sonora e atmosférica.



Ferrarias. Não se trata aqui de exaltar o passado, mas analisá-lo e contrapô-lo ao presente para que seja possível preparar o futuro. Sem pretensões científicas de maior, pretendemos de forma que assumimos de objectivamente comprometida - porque falamos de gentes e histórias que a nós também dizem respeito - despoletar o que poderá ser apenas o início da discussão.

Pequenas histórias entrelaçadas umas nas outras fazem a história maior de uma Rua que, é também em grande parte, também a história da cidade. Não existem dados concretos que nos permitam afirmar que existia na Rua uma ferraria, pelo menos como a que existia na rua imediatamente a seguir, a Rua de Faro. Certa é a existência de uma estalagem já em 1906 onde se podiam alugar trens para ir até ao Barranco Velho ou apanhar a diligência para Faro que partia todos os dias às onze da manhã. Este tipo de estabelecimentos onde se preparavam os cavalos das carruagens, localizavam-se, por norma, próximo da saída das povoações. Com efeito o caminho para Faro até 1800 fazia-se pelas Ferrarias e pela Rua de

Faro. Estes factos explicam assim a origem toponímica das duas Ruas. Alguns investigadores sustentam que o nome da Rua foi atribuído por um dos seus moradores mais conhecidos, senão o mais ilustre - Mestre João Martins dos Santos, vulgo Mestre João da Faquinha, homem em que a determinação para enfrentar problemas se equiparava a um porte físico que impunha respeito e recomendava prudência a todos os que ousavam contrariá-lo (nós próprios já vimos fotos suas...). Segundo a sua filha D. Adelina, ainda viva e que conta actualmente oitenta e três anos de idade, aquando da chegada da família Faquinha à Rua, já esta era chamada de Ferrarias.

Os primeiros moradores da Rua, como aliás do núcleo originário da povoação de Olhão, tinham proveniência de Quelfes, Pechão e Moncarapacho. Gentes que desceram até ao mar provavelmente atraídos pela riqueza do pescado e por outras actividades menos lícitas que a visão do mar suscitava gente que tinha pressa de erguer a sua povoação. Que o diga Mestre Dentinho, contrabandista de profissão, que a poucos metros do Posto da Guarda Fiscal (onde hoje é o Largo Sebastião Coelho), fazia alarde dos feitos

realizados em costas e terras mouras. Muito mais comedido nas suas acções clandestinas sempre foi mestre João da Faquinha, que até ser descoberto pelas autoridades, fazia estiva de biqueirão nos armazéns da sua casa nas Ferrarias (onde ainda hoje reside a sua filha, D. Adelina). Também era na sua casa que eram servidas refeições aos homens que ajudavam na procissão. Mestre João da Faquinha não dispensava carregar o guião na procissão, tarefa que fazia com grande orgulho, apesar de poucos verem no acto algum laivo de fé, atitude talvez relacionada com a tradicional rebeldia do olhanense face à Igreja. Conta-se que um a vez, já farto dos problemas que este tipo de práticas religiosas causavam em Olhão, as autoridades religiosas de Faro suspenderam a sua realização. Mais uma vez foi João da Faquinha, que deslocando-se a Faro e mediante o empenho da sua palavra como mais nada de anormal sucederia nestas celebrações religiosas, fez com que a festa regressasse às ruas de Olhão. Quem sabe se ao carregar o guião, não queria apenas pedir protecção divina para as suas campanhas sarracenas, de onde voltava carregado de

carvão de pedra destinado ao alimento das industrias conserveiras da povoação. Mas este contrabando tinha também outra faceta, podemos chamá-la de doméstica, já que nos porões dos barcos vinham também, doces, bonecos e santos que faziam as delícias da família do Mestre Faquinha. As açoteias e os mirantes de Olhão, elementos do modelo maior de habitação e que aqui defendemos como não "importado" de Marrocos, mas pensado e projectado pelo saber das populações de modo a fazer face às suas necessidades, assumia uma função contemplativa e de vigia; a estrutura da habitação adaptou-se assim às práticas e disposições da comunidade. Esperava-se e desesperava-se pela chegada dos barcos e dos entes queridos.

Segundo nos disse Antero Nobre é provável que tenham morado nas Ferrarias mais contrabandistas, embora, e segundo o mesmo investigador, não seja correcto afirmar que era uma Rua de contrabandistas. Próximo morava o contrabandista mais famoso, Mestre Dentinho, já aqui referido, e que foi alvo de atenção especial no livro "Os Pescadores" de Raul Brandão.

Ferrarias. Rua também de festas e dos muitos bailes que lá se faziam em homenagem às moças da Rua, e que tomavam o nome da mulher mais velha que lá morava - a Tia Farroba. Em 1962 e na altura dos Santos Populares a Rua ganhou uma menção honrosa com a Rua melhor enfeitada. Santos Populares em Olhão, um pouco como em todo o Algarve, festa em Junho quando o calor convida à frequência do espaço que é de todos, e em que todos querem estar. Em Lisboa dizia-se "Olhão seis meses Carnaval, seis meses S. João", talvez por essa representação que os outros tinham de Olhão, sempre se tivesse prestado mais atenção ao S. João, do que ao Santo António, este último inclusive que deu nome à antiga Rua Teófilo Braga. Da grandiosidade dessas festas sobram hoje memórias e projectam-se ainda, pela carolice de alguns, sardinhadas envoltas em fitas e balões, noites passadas por baixo da porção estreita de céu que os contornos da Rua deixavam e deixam escapar. E talvez ainda se possa ouvir, quando o fim da folia chegar, a Triste Feia, que de dia no seu avental impecavelmente limpo vendia bolos, para à noite embriagar-se com

o Coxo e cantarem os dois ao desafio canções que o tempo apagou definitivamente, pelo menos D. Adelina já mal as consegue lembrar.

Património ou talvez não!...

Cada país, cada região, cada geração possui uma cultura diferente, sendo o conjunto de valores que os impulsiona e une numa identidade colectiva. Ignorar este feito é a forma mais rápida de perder a nossa identidade. Uma comunidade não é uma abstracção, tem valores tangíveis e intangíveis, tais como uma geografia particular, uma língua própria, uma história comum, expressões artísticas e populares, costumes, gestos e sonhos. A maioria dos Portugueses desconhecem grande parte do nosso Património - natural e cultural - , é por isso que muitas vezes perdemos o respeito pelo nosso passado, ao tentarmos encontrar as raízes que sustentam a nossa identidade.

Reflectir sobre os espaços urbanos e a cidade actual, é um tema relativamente complicado. Insinuar soluções, é pouco frequente. Existe um pessimismo na criação de inovações alternativas, que consigam superar esta situação. Com o estudo sobre os espaços urbanos da cidade, ruas, praças e áreas, pretende-se

aprofundar o conhecimento para resguardar esta identidade, esta vida social.

Como vimos anteriormente a maneira de habitar significa uma identidade própria de cada cultura. Habitar significa amar um lugar e o que se encontra em seu redor, significa disfruta-lo, mante-lo e tentar o seu melhoramento, significa vivê-lo como se fosse seu, herdado dos antepassados e digno de ser legado as gerações vindoiras.

O processo de recuperação do património arquitectónico de um local, é um feito extremamente influenciado pela valorização social que o mesmo tem em cada época. O que é hoje considerado como património, pode amanhã não ser considerado como património, tudo depende dos valores e da memória que o elemento exerce sobre a sociedade. A reabilitação, como conceito, é algo mais amplo que executar uma acção construtiva num edificio, inclui acções pontuais de distinta natureza como os aspectos culturais, sociais e económicos do momento de intervenção.

O projecto de reabilitação urbana da rua das Ferrarias pretende recorrer, sumariamente, a algumas características especificas de índole técnica, com a função de ordenar, e consequentemente facilitar, as tarefas reabilitadoras. A próxima sebeta ira tratar da problemática da reabilitação integrada, causas e consequências. Afinal é património ou talvez não!...

Bibliografia

AA. VV.

"Rehabilitación del Patrimonio Arquitectónico y Edificación", Granada, Espanha 1996

Avinceta, Maria Cristina

Espósito, Maria Gabriela Sánchez

"Inserción del Concepto Patrimonio Integral en la Educación Institucional",
Buenos Aires, Argentina 1996

Eisner, Will

"O Edifício", Editora Abril, São Paulo, Brasil

Lynch, Kevin

"A Imagem da Cidade",
Edições 70, Coleção Arte & Comunicação,
Lisboa 1988

Moisset, Noemi Goytia de

"Los Espacios Urbanos Latino Americanos Actuales:
cuando el centro se desvanece, el vacío se solidifica
y el sólido se banaliza",
Córdoba, Argentina 1996

Moreno, Eduardo Ortiz

Cardenete, Emilio Herrera

Villalba, Juan Diego Guerrero

"Rehabilitación del Día a Día",
Granada, Espanha 1996

Palomo

"O Quarto Reich"
Publicações Dom Quixote
Lisboa 1982

Índice



Introdução.....	7
O Projecto.....	11
Textos e Factos.....	17
Conclusão (....).....	21
Bibliografia.....	23